



explicando-nos exactamente aquilo que queria de cada um dos jogadores e o porquê de nos pedir que jogássemos de determinada maneira. Com ele aprendi a importância de explicar a um jogador a sua missão e a sua responsabilidade no bom funcionamento da equipa enquanto um todo".

De regresso ao Brasil, ingressou no Internacional de Porto Alegre, onde jogou por altura do Campeonato do Mundo de 1978, mas Marinho Peres, ou melhor Marinho, não fez parte da lista para representar a selecção tricolor. "Em 1978 houve uma grande renovação na selecção brasileira e como já tinha 30 anos fiquei de lado. Foi nessa "Copa" que apareceram o Oscar e o Amaral. No Brasil um jogador, aos 30 anos, tem poucas possibilidades, pois estão sempre a aparecer jovens com grande vontade e motivação".

Esgotada a via como futebolista, Marinho abraçou a carreira de treinador. "Foi em 1981, na América, que dei os primeiros passos como treinador. Um ano depois, recebi um convite da Confederação Brasileira de Futebol, através de Telê Santana, para ir trabalhar e ensinar futebol para a Arábia. Fui e reconheço que tive uma experiência muito importante, até porque, envolvidos alguns meses, o Telê, um homem forte, trabalhador e paciente, foi treinar a selecção da Arábia e convidou-me para seu adjunto. Durante esse tempo fomos campeões do Golfo Pérsico, campeões da Arábia Saudita e vencedores da Taça do Rei. Apesar das muitas diferenças, de um certo ansiosismo do futebol árabe, sobretudo financeiramente foi muito bom, pois lá ganhei muito dinheiro", reconhece.

## Portugal: uma questão de coração

Marinho Peres tornou-se um treinador conceituado em Portugal. A sua grande proeza foi a Taça de Portugal que ganhou ao serviço do Belenenses e o ter chegado às meias finais da Taça UEFA pelo Sporting. Hoje, atribui mais importância ao seu início de carreira em Guimarães, ao lado de Autuori. "Foi um passo importante

na minha vida. Tinha acabado de me separar e era um momento de crise. O Paulo Autuori mostrou ser um grande amigo e ajudou-nos mutuamente no combate à solidão. Na altura cheguei a pensar que a minha passagem por Portugal seria curta. Enganei-me. A ligação efectiva e efectiva com o futebol português tornou-se muito especial. Em Portugal terei feito coisas boas e coisas menos boas. Fui lá para aprender, tal como disse quando cheguei e, no primeiro ano, classifiquei o Vitória de Guimarães em 3.º lugar, levando-o também até aos quartos-de-final da Taça UEFA". Mas, na sua segunda passagem pelo Vitória acabamos por ser despedidos. "Não me deu bem. Essa saída prematura frustrou-me um pouco. Em Portugal ainda não tinha passado pela experiência de não triunfar. Mas como o futebol é uma actividade séria em que o único a poder perder o emprego é o treinador...".

No fundo, o Belenenses talvez tenha sido o seu sonho azul em Portugal. "Quando cheguei ao clube nunca pensei que ele fosse tão organizado. O que fez lá não foi nenhum milagre. O que eu sempre procurei foi tornar tudo o mais simples possível, nunca ultrapassando as possibilidades de cada clube por onde passei, aumentando também a minha idoneidade e capacidade".

Por tudo isto, Marinho Peres está visivelmente bem colocado para falar do futebol português, "um futebol que está sob fortes influências exercidas pelos estrangeiros". Quanto ao futebol brasileiro, o conhecido treinador é da opinião de que "o Brasil, neste momento, tem um potencial muito grande". "O futebol praticado é de alto nível, muito graças à evolução tática dos jogadores que jogam ou jogaram na Europa. Só o campeonato estadual de São Paulo tem 30 equipas, em todas as jornadas se disputam jogos de grande qualidade. Temos muitas opções. No entanto, estamos a assistir a um grande desprezo pelos jogadores, obrigados, às vezes, a fazerem quatro jogos em sete dias. Para se aumentarem as receitas e pagar bem aos jogadores é necessário multiplicar o número de jogos". Comparando o futebol português com o brasileiro, Marinho Peres afirma que a grande diferença está na organização. "A

portuguesa é bem melhor que a brasileira, onde nunca se vê o que os jogadores, nem quantos jogos se vão disputar por época". Quanto à escola de treinadores, Marinho também prefere a portuguesa "que está à frente, embora os brasileiros que trabalham em Portugal também tragam alguma coisa de positivo. O problema é que no Brasil não entram treinadores europeus, o que prejudica o nosso futebol. Para mim, foi ótimo ter trabalhado com dois treinadores europeus, Michels e Weisweiler, porque foi com eles que mais aprendi".

## Um livro aberto

Marinho Peres é do signo Peixes (é 49 anos no passado dia 19 de Março) e possui um currículo inenarrável no futebol brasileiro e mundial. Sem-se privilegiado por ter jogado contra e ao lado de grandes nomes do futebol mundial, por ter ganho muitos títulos e perdido outros. Sempre correcto, tranquilo consigo mesmo, mostra que é um homem culto, muito para quem dá formação Académica em economia (e do convívio com o filho médico). A exactidão da economia utilizou para melhor administrar os seus negócios mas na verdade, o seu maior gosto vai para a filosofia. "Ajuda-nos a lidar com as pessoas, a aprender a conhecê-las, a ajudá-las a libertar-se dos problemas. Consegui isso através da observação e, também por isso, se voltasse à Faculdade, seguiria Filosofia". Gosta de ler, de estar informado, interessa-se pelos problemas do Mundo, preocupa-se com a política mundial e brasileira. Tem esperanças que o Brasil ainda vai a tempo de ser o país do futuro e conseguir ultrapassar a grave crise que atravessa. "O Brasil é ao mesmo tempo uma potência e o país mais devedor do Mundo. Se todos os proprietários de terras, como eu, pensassem que a reforma agrária é a única maneira das terras serem cultivadas e de terem utilidade efectiva para bem de todos os brasileiros, o país não estaria na situação em que está", afirma Marinho Peres, solidário com os pobres e desfavorecidos do seu país. ■